

HISTÓRIAS ESPECIAIS

Coletânea de Crônicas

Volume III



Organizador
Luciano Candemil

**Organização © Luciano Candemil
Ilustração de capa © Silvia Teske**

**Versão audiolivro:
soundcloud.com/apaebc
Versão Libras:
www.youtube.com - Apae Balneário Camboriú**

**Diagramação: Lieza Neves
Produção: Casulo21**

**Proibida a cópia impressa ou distribuição digital
deste material com fins comerciais**

Projeto viabilizado por meio do EDITAL LIC/FCBC 010/2022



SUMÁRIO

| | LEIA AQUI | OUÇA AQUI |
|----------------------------------|-----------|---|
| Agradecimentos | 03 |  |
| Apresentação | 04 |  |
| Vapt Vupt – Só ficou a história! | 06 |  |
| Benedita – A Sofia | 10 |  |
| Eu sou incrível | 14 |  |
| A casa de João Batista | 18 |  |
| Denise com os pés na cama | 22 |  |
| Mazinha Rebeca | 26 |  |
| Sobre o projeto | 30 |  |

AGRADECIMENTOS

Por Margid Rinnert Buckstegge

Gostaria de expressar a minha gratidão enquanto Presidente da APAE de Balneário Camboriú pela continuidade do excelente trabalho do professor Luciano Candemil e de todos os envolvidos, de proporcionar aos alunos da APAE, familiares, professores, funcionários e toda comunidade escolar esta oportunidade e participação neste momento tão especial que estamos vivenciando outra vez. Tenho certeza que esta parceria já somou e irá somar ainda mais para o desenvolvimento de todos.

Obrigada pela dedicação da equipe, obrigada Fundação Cultural de Balneário Camboriú por mais uma vez acreditar no trabalho da nossa APAE.

APRESENTAÇÃO

Por Luciano Candemil

A terceira edição do livro Histórias Especiais: coletânea de crônicas oferece novamente ao leitor e à leitora o resultado de um ciclo de formação criativa que aflorou conteúdo literário e artístico produzido por pessoas com deficiência. Financiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LIC 2023) da Fundação Cultural de Balneário Camboriú, o projeto envolveu artistas de diferentes linguagens, alunos da APAE, familiares, professores, funcionários, ou seja, toda a comunidade escolar. Mantendo os mesmos princípios das edições anteriores, tem como proposta evidenciar o(a) aluno(a) com deficiência como protagonista da produção cultural local.

As novas seis histórias contadas pelos alunos artistas e ilustradas por seus colegas da escola são apresentadas em três formatos: livro digital, audiolivro e vídeo com tradução em Libras. Estas narrativas autorais expressam por meio da palavra escrita, falada, de sinais e gestos, algumas experiências de vida, fatos do cotidiano, relatos sobre seus sentimentos, preocupações, prazeres, amizades, amores e sobre política. Por se tratar da terceira edição, esta obra retrata a evolução dos alunos decorrente das atividades desenvolvidas ao longo dos últimos anos. Desta vez, as histórias

apresentam conteúdos mais críticos, mais politizados, com mais posicionamento em relação às questões sociais.

Nesta trajetória, a arte, cultura e educação se fizeram presentes. Ao longo do ano de 2023 foram realizadas oficinas de contação de histórias, de artes visuais, rodas de conversa, oficinas de sonoplastia e trilha sonora, visando o aperfeiçoamento técnico, além de exposições das ilustrações. Num processo de mediação artística e de sensibilização, as histórias contadas pelos alunos artistas foram registradas, transcritas e publicadas em arquivos de texto, áudio e vídeo. Além disso, por meio do desenvolvimento da sensibilidade, outros alunos expressaram seus sentimentos através das artes visuais para ilustrar as histórias que compõem esta terceira publicação.

Com este livro tão especial, a APAE de Balneário Camboriú mostra que permanece inovando as suas ações, contribuindo para garantir o direito das pessoas com deficiência, incluindo desta vez, a divulgação dos fazeres artísticos. De um jeito singular, afetivo, leve, descontraído e emocionante, os queridos alunos e alunas artistas expõem ao mundo a capacidade de transformação da arte, ao mesmo tempo em que nos ajudam a refletir sobre nossa responsabilidade social. Desse modo, cabe ressaltar a importância de projetos e de editais dessa natureza ao viabilizarem que pessoas com deficiência sejam vistas também como artistas, como pessoas que propõem arte e não só receptores de produtos culturais.

VAPT VUPT - SÓ FICOU A HISTÓRIA!

Por Roberto Jorge Souza

Eu sou peixeiro, de Itajaí. Alegre, brincalhão e conversador. Mas, fui criado em Balneário Camboriú, na rua Suíça. Vim pra cá com meu pai. Minha irmã nasceu aqui. Meu pai era soldado, ele ficou bem fraquinho por causa da coluna, deu câncer, já não andava mais, ficava na cama, sentia muita dor, e para dar o primeiro banho nele foi uma briga!

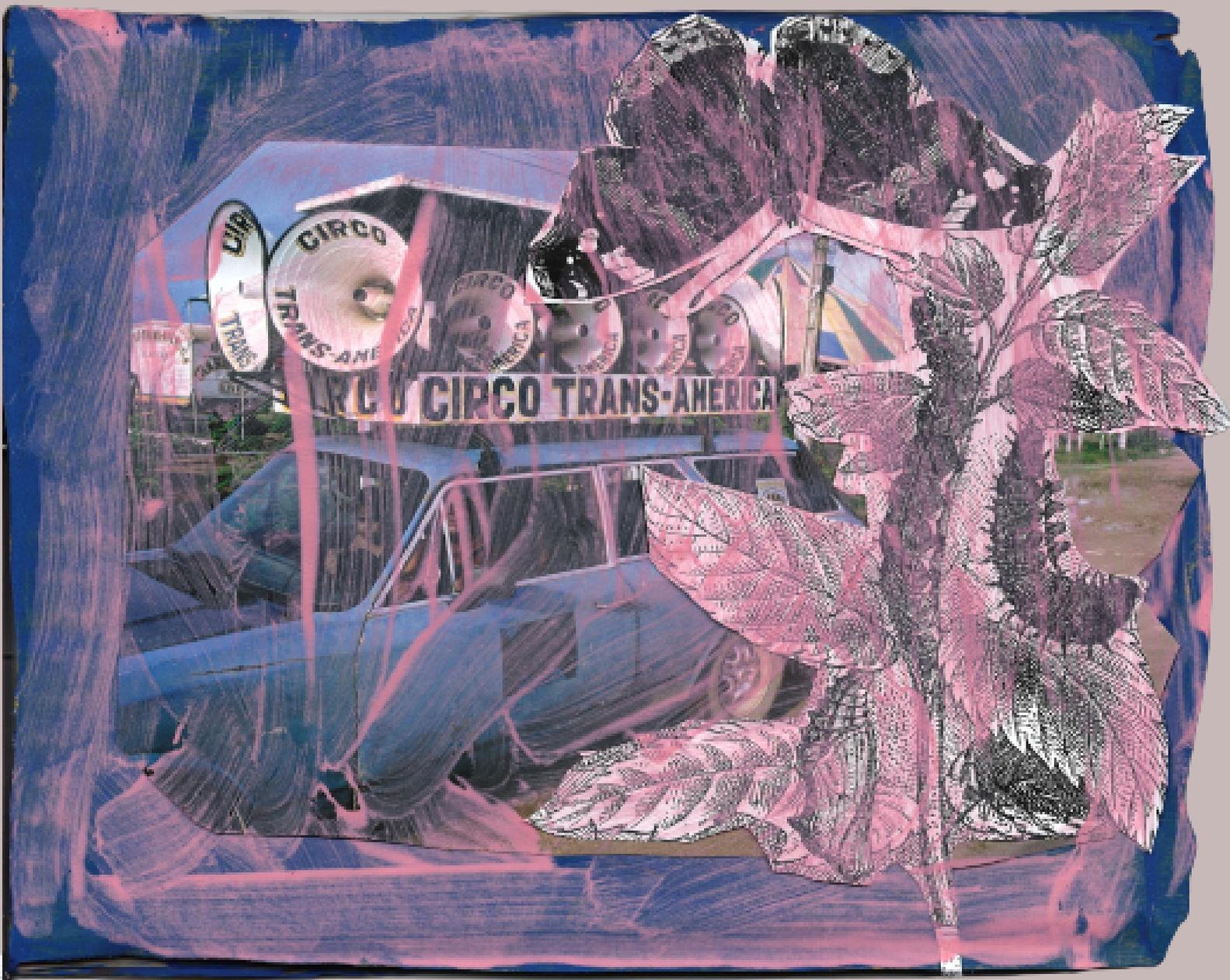
Eu pescava com meu pai. Já pegamos uma vez dois peixes numa puxada só. Baiacu, sabe? Aquele que tem veneno na guelra? O pai sabia limpar. O baiacu tem uma bola perto da boca e outra na barriga, se não souber limpar, morre! Uma vez, um homem que pescava próximo, pegou um peixe espinheiro, o bagre, espetou a perna dele e ele morreu. Outro não soube limpar o baiacu, também morreu. Pescar é perigoso, se você pega uma arraia e o ferrão entra na sua pele, pode ir até perto do osso e ficar aleijado, ela solta um veneno bem forte e sai rasgando tudo.

Eu gostava muito de pescar com o pai. Fazíamos o caminho pela ponte de madeira. Nessa ponte também é bom pra pescar, e para tirar foto, dá pra ver a praia toda, a praia de Taquaras. Pescávamos perto do mar. Às vezes andava de Buginho na areia.



Já andamos até de Jipão! A roda patinava na areia. Se atolar tem que cavar com pá. Jipão é levinho de puxar, se não conseguir sair sozinho, sai de reboque com a corrente. Já fomos guinchados, ficamos três dias atolados, mas era carnaval! Bons tempos, hoje em dia não pode mais.

Já vivi muitas aventuras. Certa vez, quando eu ainda andava sozinho na rua, um homem vinha vindo de bicicleta, não me viu e me atropelou. Na hora que ele bateu eu voei por cima dele e caímos juntos, ele queria fugir, mas ele foi o culpado, eu dei um soco nele, e segurei ele até a polícia chegar. Meu amigo chamou, a polícia levou a bicicleta dele, e eu, fui pro médico, mas só trinquei o dedo do pé.



Nessa época eu também corria nos Jogos Abertos, e ganhei muitas medalhas. Em Floripa eu perdi todas, mas em Blumenau eu ganhei, mas a medalha era tão pesada que depois que botei no pescoço caí no tombo.

A corrida era de bicicleta, com marcha na mão, a corrente esticadinha, a gente subia com força da perna, eu fui vendo a curva, de longe, tinha um prego, explodiu o pneu e estragou a câmara. Deu um estouro e saiu até um foguinho, quando o pneu começou a pegar fogo quase chegando em mim, o meu sobrinho chegou, ele é bombeiro.

Apagou o fogo com a mangueira de incêndio! Eu ganhei um banho de sabão, água gelada, muito frio, estava nevando neste dia. Fui direto tomar banho quente, no carro do bombeiro tem tudo, água quente e água fria. Tomei de mangueira mesmo! O guincho passava com sabão e eu até dormi. Quando acordei, fui trocar de roupa e continuei a corrida a pé. E ainda peguei a final! Perto da bandeira estava o carro do meu avô, vindo de banguela, cheguei antes do meu avô vencer, eu cheguei na bandeirada, e meu avô que já tinha pego minha *zica*, me pegou e nós fomos embora juntos para a oficina, arrumar a *zica*, claro.

Eu tinha as fotos, as medalhas, mas entraram na minha casa, fizeram uma limpa e roubaram tudo. Eu sabia atirar na arma do meu pai, se estivéssemos lá, dava tiro pro alto e os bandidos iam dar no pé, mas estávamos fora neste dia e só ficou a história.

BENEDITA – A SOFIA

Por Benedicta de Lourdes do Carmo

Eu gosto de agradar. Na verdade, a gente tem sempre que fazer alguma coisa para agradar o outro. Assim as pessoas ficam mais contentes e se acalmam. É ruim uma pessoa brigando com a outra. Não gosto de briga.



Me separei por causa disso. Fui casada bastante tempo, casei de noiva, tinha minha casinha, morávamos num sítio, tinha vaquinha, tinha tudo. Meu marido era vendedor de sorvete. Mas tinha um problema: ele bebia.

Eu agradava, lavava roupas escuras, deixava a roupa branca de molho, essas coisas, cuidava de tudo. Quando ele não bebia era um santo, meu Deus, todo bonzinho, tratava a gente bem. Mas a bebida estraga, a pessoa fica doida e não presta pra nada. Fica sujo, fica nervoso com a mão mole, xinga nome, vira a mesa igual criança pequena, faz de tudo. Não dá pra viver assim! Não dá certo! Ele aprendeu com o pai que lhe deu muita confiança e ainda ensinou a beber. É triste, menina!

Eu fiquei muito triste, muita briga, isso magoa a gente, então eu desisti. Me separei e vim morar aqui. Em Balneário Camboriú, na ponta do rio. Nossa casa é grande e fica dentro de um cercado. Tem um portãozinho pequeno e um portão grande que passa até Kombi. Moram 64 mulheres lá, é o Lar dos Idosos, a prefeitura que deu, tu nunca foi lá, né? É bonito demais. Tudo é nosso. Lá dentro tem um shopping onde vende roupa, já comprei um casaquinho para a minha bebezinha, Denise, e um vestido de noite para ir dançar no NAI*. Lá no NAI todo mundo me chama de Sofia. Mas, aqui na APAE todo mundo me chama de Benedita.

Lá perto do nosso rio, no caminho do parque, se olhar no capim você vê grudado, bem escondidinho, caranguejos! Ele vem sujo, se

esconde no capim e depois se joga no rio. A turma lá da praia come tanto. Já cozinhamos tanto bicho desse pra comer. Meus Deus, se tu for olhar na praia tu fica boba. Enfia a mão bem lá embaixo, lá na



terra, bem preta, e tira caranguejo desse tamanho assim, dessa altura, daí coloca num arame, eles ficam tudo juntinho ali, um em cima do outro, daí coloca a água para ferver, bota os caranguejos dentro e eles vão se afogando e morrendo na panela e cozinha ali na praia mesmo, é tão gostoso, é igual carne de galinha, bem gostoso, tira aquela carninha branca com a colher, coloca no prato, coloca um salzinho e come, tudo de uma vez!

Hoje em dia para agradar as pessoas eu faço o meu trabalho. Cestas de saco de leite e jornal, casa de iogurte para colocar plantas, coloco até prédio em cima com janelinha. Você precisa ver, vai ficar boba! Faço bolsa e borboleta de saco de leite e jornal, e galinhas, galinhas bem bonitinhas, todas de ouro. Fiz até casinha pro meu gato. Ele se chama Dorico Machado, ele é mais ou menos grande e bem comprido. Ele estica a perninha e o rabinho, todo crespinho, parece até um gato preguiçoso, mas quando acorda de manhã faz de tudo, parece uma criança.

Eu queria que minhas amigas do Lar dos Idosos fizessem esse meu trabalho também. Poderíamos fazer juntas, não é bom ficar parada. Se ficar parada, a gente fica doente. Eu sempre mostro tudo que faço para as pessoas verem como é. Assim elas podem ver como ficou bom. Podem até gostar e querer levar, né? Já vendi uma chaleira de bico grande, só a chaleira porque o bule eu não fiz ainda. Mas eu gosto mesmo é dar de presente. Levam tudo, e ficam contentes!

EU SOU INCRÍVEL

Por Jaime Steffen

Quase todo mundo me odeia! Não gostam de mim. Sim, eu sei. Eu presto atenção em tudo, às vezes só olham de cara feia e me ignoram, mas quando não se calam gostam de xingar. Eles acham que é legal xingar o outro, eles fazem, mas não é normal. Me chamam de otário, de “mamão”, retardado, de aleijado, fico triste, chateado, mas sempre foi assim. Onde moro meu pai já brigou com muita gente para me defender. Mas, afinal, são todos ignorantes, não me conhecem. A verdade é que eu sou incrível!

Eu nasci com problemas de locomoção. Uso muletas, mas não gosto de ficar na cama, dormir dá dor e cansa o corpo, é melhor sair da cama, ir para rua do que ficar em casa. Em casa é bom, mas a casa também não é minha, é do meu pai, da minha irmã, eu moro lá, é bom, mas a casa não é minha. Eu gosto mesmo de sair.

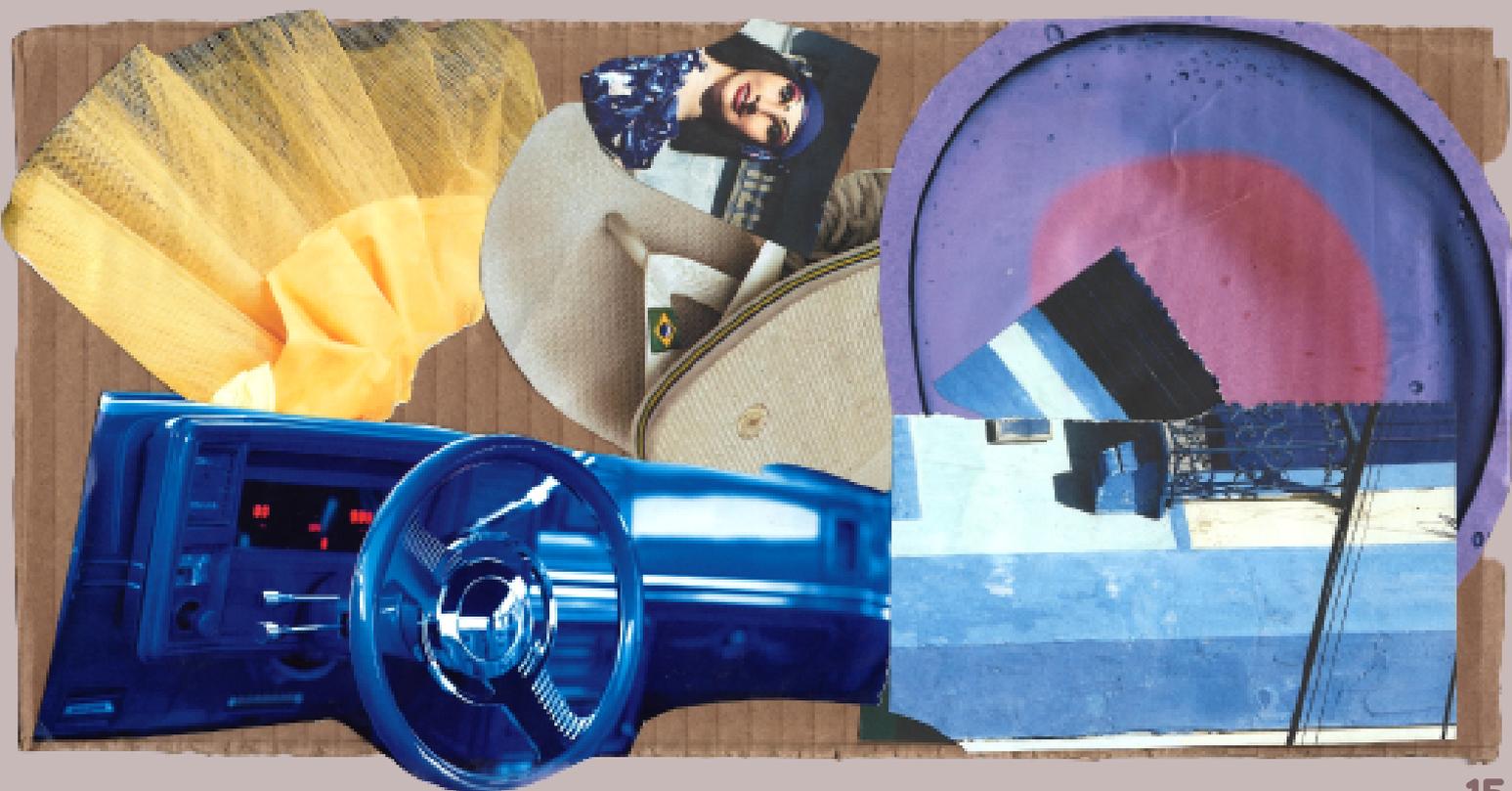
E sou corajoso, e saio. Na porta de casa passam e me xingam, eu xingo de volta, pego minha bicicleta, pedalo, vou da minha casa até a casa do meu amigo no bairro do Tabuleiro, dá uma hora de viagem. Não levo as muletas, fico na bicicleta, jogando conversa fiada, falando da vida dos outros.

Às vezes fico na porta de casa, mas as pessoas passam e me

xingam. E eu saio, vou a bares, próximo de casa, tomo um guaraná, ouço música ao vivo, canto, dou beijo na boca, namoro, faço amor, durmo com ela, Vera, minha namorada.

Nós nos conhecemos no bar do meu irmão, ia sempre lá beber um guaraná, nos reuníamos, conversávamos e cantávamos. Lá tem música ao vivo sexta e sábado, mas um dia, Vera também resolveu me defender e a briga no bar pegou fogo, soco, bate boca e até spray de pimenta no olho.

Ela briga com todo mundo por causa de mim! Ela tem ciúmes, ela é louca por mim, porque eu amo ela, ela me ama, eu gosto dela, ela gosta de mim, Vera. Eu conheci ela neste bar, ela estava sentada, eu também. Ela olhou para mim, eu olhei para ela, ela sentou do meu lado, primeiro eu dei um beijo na boca dela, e depois ela deu um beijo em mim. Desde então, estamos juntos. Desde a briga não volto mais naquele bar.



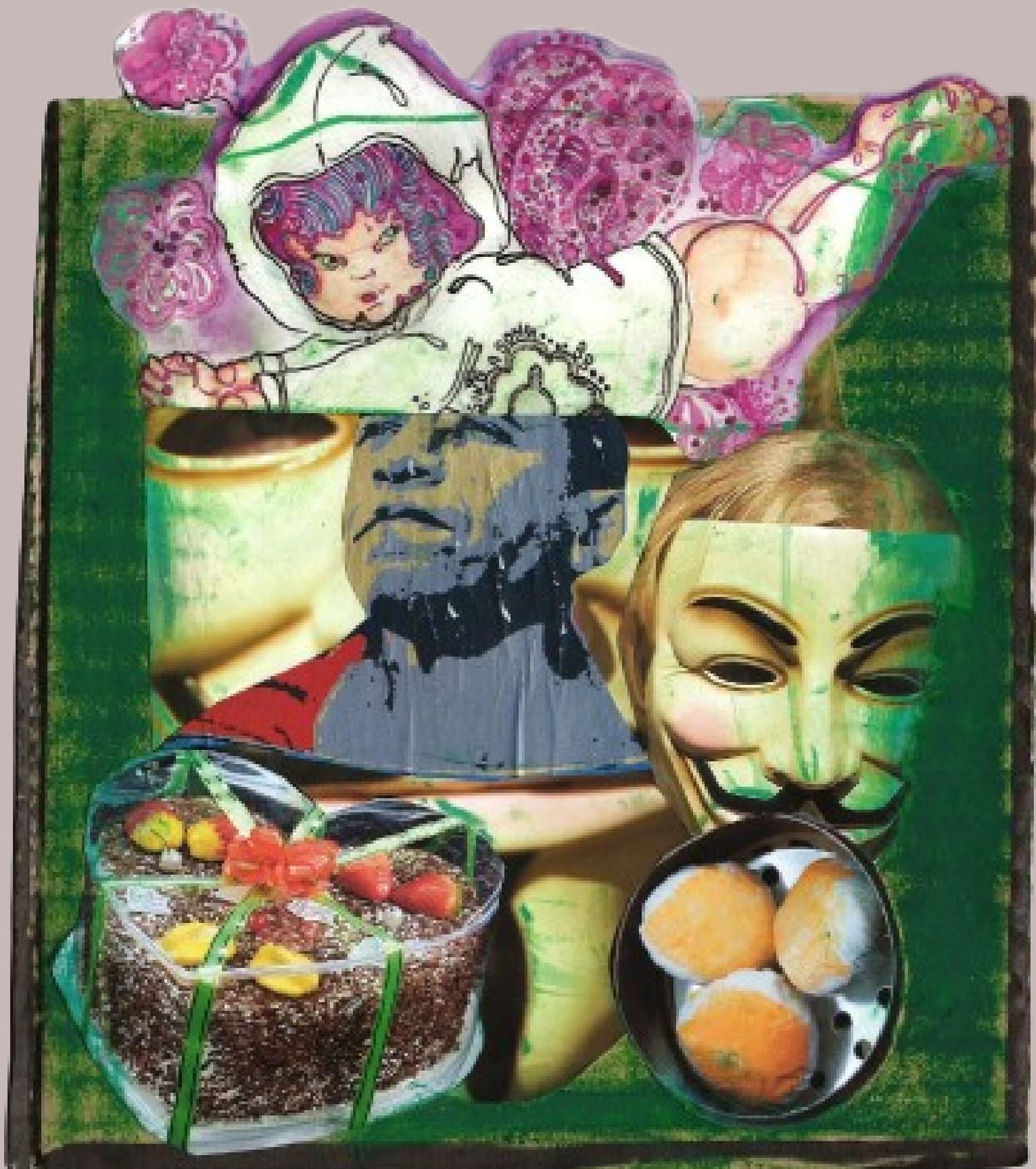
Eu sei o que é certo, o que é errado e o que é bom para mim. Parei. Não vou mais lá. Agora vou para a casa dela, vamos em outros bares, perto de casa, sempre com música ao vivo, ouvir música boa, cantar, assistir ao show, sozinho nunca, não tem graça, tem que estar acompanhado. Vera é minha companheira mas, nunca fomos a praia juntos. Eu gostaria de ir em outros lugares com ela, pegar um Uber, e passear com ela em Balneário Camboriú, ver a roda gigante, ir ao Shopping, mas eu não trabalho e quase todo mundo me odeia, então não querem me pagar para trabalhar.

Para essas pessoas que têm preconceito eu gostaria de dizer: “Para, me respeita! Eu não gosto!” Será que existe alguma lei que pode me defender dessas pessoas? Disso eu não sei, mas sei que elas deveriam ir mais à igreja, deveriam ser mais humanas. Eu adoraria trabalhar com jardinagem, ganhar meu dinheiro, sair com Vera e conhecer outros lugares, mas por enquanto, vou de bicicleta mesmo, pois gosto de viver, e afinal, eu sou incrível!



A CASA DE JOÃO BATISTA

Por João Batista Gomes da Silva



Dona Jorgina estava viajando de trem quando eu resolvi nascer. O homem alto que a acompanhava era meu meu avô, eles pararam de emergência na cidade de Uraí, no Paraná, e, naquele instante, minha mãe legítima não sabia que teria um filho especial e que naquele dia daria seu último suspiro. Ela morreu no parto. As mães nunca têm culpa de terem filhos especiais, e os seus filhos também não têm culpa de serem quem são.

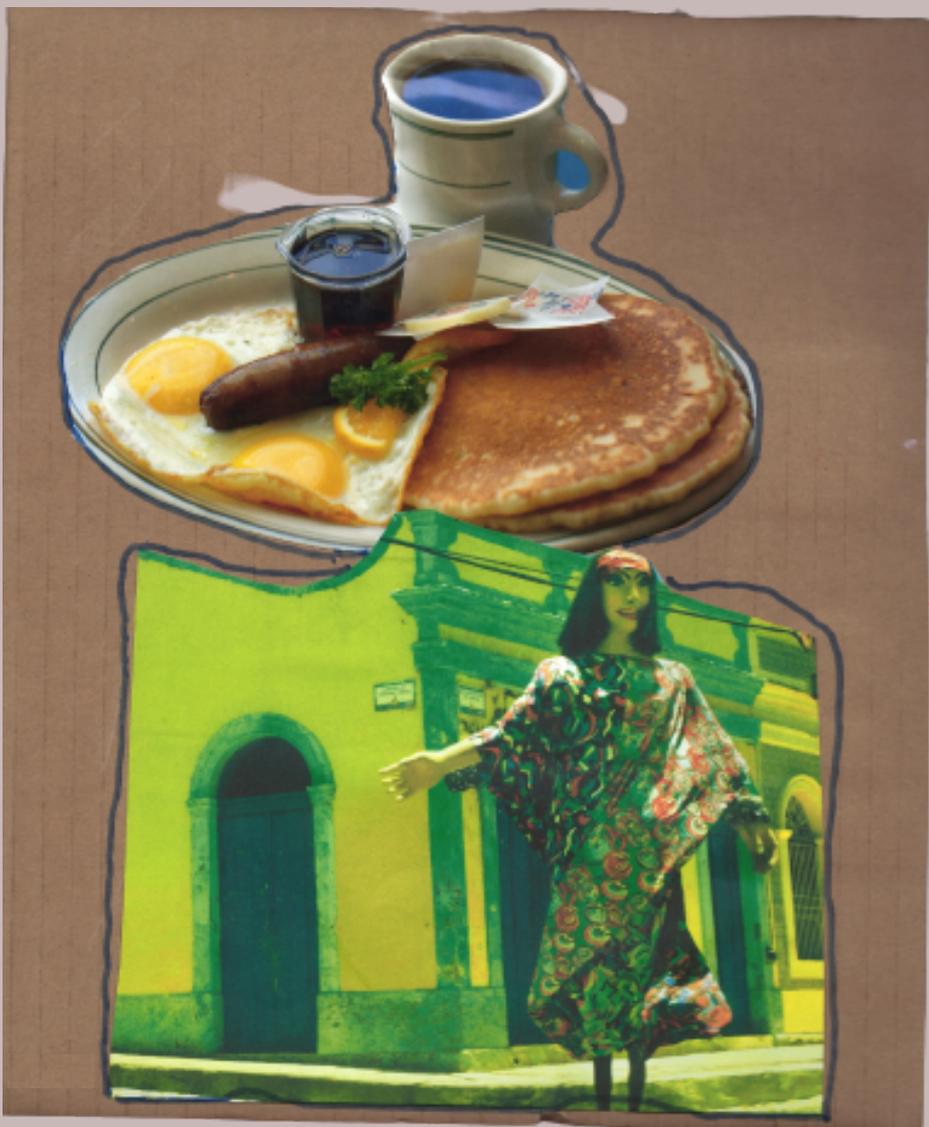
Nasci no dia 24 de junho, dia de São João, e minha mãe que me criou, Marcolina Gomes de Azevedo, e toda a sua família me amaram e me educaram como um príncipe. Entre a fazenda no Paraná e o colégio interno em São Paulo, tive até aulas de piano, durante dez anos. Por isso sou um homem muito educado e autossuficiente. Cozinheiro, gosto de boa música, bons filmes e bons livros, toco meu teclado, faço amizade com todo mundo, e adoro andar pelas ruas de Balneário Camboriú. Nesta cidade eu vivo desde 2002. Vim para cá depois que minha mãe adotiva morreu, já no dia seguinte.

Quando cheguei aqui, sofri para me adaptar, acontece com qualquer pessoa. Mas, depois comecei a conversar com as pessoas e fiz amizades. Um tempo depois comecei a trabalhar no estacionamento de um restaurante e lá eu ganhava gorjeta.

Fiz muitas amizades nas minhas andanças pela cidade. Curtia com meus amigos e frequentava boates. Mais tarde, fui trabalhar no Angeloni, um emprego que minha família e a APAE conseguiram.

Logo em seguida, minha prima Marci arrumou uma pensão para mim, e então fui morar sozinho. No trabalho todo mundo me adorava. No meu aniversário fizeram até surpresa, me deram presentes, foi muito legal. Nesse supermercado trabalhei por cinco anos. Depois trabalhei um longo tempo no Supermercado Imperatriz e no Bistek.

Até que meu pé começou a inchar, muito tempo em pé embalando compras. Então, parei de trabalhar. Depois, num certo dia, por causa dos meus problemas de saúde, minha prima me levou para o Lar dos Idosos, que seria outro tipo de pensão, mas um pouco diferente.



Eu adoro passear, conhecer gente!

Quero morar sozinho de novo. Sou especial sim, eu sei, mas sonho em ter condições de morar sozinho novamente. Todos pensam que somos bobos, eu e meus amigos da APAE. Mas, mesmo os que não sabem escrever ou falar bem, ou tem alguma deficiência física, não são bobos. Somos muito espertos e carinhosos. É preciso que tenham amor e paciência conosco, por isso a APAE tem esse nome – de “paciência” - por favor, né! Pois ter raiva de criança especial é crime. Ter preconceito, e ainda racismo com o negro é crime também. E tudo isso dificulta a gente arrumar emprego e ter uma vida normal.

Na casa dos meus sonhos, a Casa do João Batista, lá eu sou o chefe, lá eu cozinho e tenho ajudantes. Pois nesta casa abrigo moradores de rua, sim, esse é meu sonho, retirar todos da rua, todos merecem uma cama boa e cobertor, uma sopa quente, barba, cabelo e unhas bem feitas, todos limpos e cheirosos. Eu sou muito grato por todos que me ajudaram. Obrigado prima Marci e primo Ailton. Obrigado a todos os meus amigos e professores da APAE com todo carinho, em especial a diretora Sandra e a Ziza.

DENISE COM OS PÉS NA CAMA

Por Denise da Rosa Nogueira



Pés na cama! É onde me sinto melhor. Já pisei meus pés em muitos lugares, muita dor e tristeza já se passaram.

Mas, o que o diabo roubou não volta mais, e hoje, com minha família, eu, minha irmã, meus irmãos e minha sobrinha, o melhor lugar do mundo é quando piso os meus pés na minha cama. Até porque quando acordo a insulina está muito baixa, e se já estou na cama, pelo menos não caio.

Meu nome é Denise, eu não sei quantos anos eu tenho nem o dia do meu aniversário, mas nasci em Porto Alegre, e minha família já foi maior. Primeiro foram-se meus pais. Eu vi, eu estava lá quando minha mãe terminou o banho, ela fechou o chuveiro, eu vi que ela não estava bem. Ela fechou os olhos, coloquei ela no vaso, minha madrinha gritou chamando minha irmã: “Francis! Olha aqui a Neca!” Foi AVC e do hospital minha mãe virou estrela no céu. Mas, quando minha avó morreu, meu chão caiu, pensei que não tinha mais ninguém. Viemos todos para Santa Catarina e eu e meus irmãos Darlan e Guilherme fomos para uma clínica numa cidade do litoral.

Na clínica era puxado. Assim que pisei o meu pé naquele lugar, vi que iria mudar minha vida. Eles me dopavam e me deixavam de castigo amarrada. Cagada, mijada, chorando. Tem um monte de gente lá, e se você está passando mal por falta da insulina, eles deixam cair, bater com a cabeça, e ainda reclamam: “Fica de castigo!”

Se quer ir ao banheiro, não adianta. Puxam cabelo, ameaçam chamar a polícia. Colocam até em você roupas que não são as suas. E dão suas roupas para outras pessoas. Eu exigi que me devolvesse

minha roupa, tinha outra pessoa usando. Sim, a roupa era minha! Minha roupa que eu trouxe da minha casa! As roupas que minha irmã levou. Ela não quis devolver, bateu duas vezes no meu rosto, e dizia: “Vem aqui sua macaca, cabelo duro!” Nunca me esqueço.

Eu detesto aquele lugar. Não quero voltar lá nunca mais. Eu me cortava, eu não queria comer, eu queria tirar a minha vida. Quando Yasmim entrou na clínica ela fez eu esquecer um pouco da minha tristeza. Ela parecia uma irmã, me adorava, ficávamos juntas,



caminhávamos. E graças a essa menina que me abençoou eu suportei tudo. Por causa dela e pela boneca que ela me deu, uma bonequinha de pano. Eu tentava entender que aquela boneca me dava muito amor, eu me sentia abraçada que nem Jesus, eu gostava, eu amava. Quando eu saí de lá, nossa, foi uma alegria para mim.

Então pisei meus pés na APAE de Balneário Camboriú, eu pensava que não era para mim, mas toda vez que piso meus pés aqui me sinto feliz, alegre, carismática, recebo muito carinho, sou amada e respeitada pelos alunos e pelos professores, até demais! Eles sabem conversar, me dizem: “Denise se acalma, respira!” Sim, às vezes fico triste, revoltada, nervosa. Eu gostaria de mudar no meu físico, no meu coração, e no psicológico. Não ficar mais brava, triste, emburrada e bicuda. Eu me esforço, olho no espelho, minha mente diz “você é feia, ninguém te quer”, mas paro, respiro, penso e digo de volta “Denise você tem que se arrumar!” E vou pro meu mundo, o desenho, sem o desenho não sou ninguém!

Mas o pior já passou, e não quero que mude de novo, não quero mais sair de Balneário Camboriú, da APAE, da minha casa com minha irmã Francis, meus irmãos e minha sobrinha. Vale à pena, minha irmã, vale à pena ficarmos juntos. É cansativo, eu sei, mas vale à pena! Somos uma família. Tenho fé, vamos confiar em Jesus, em Deus, que ele sempre traz grandes coisas para nós.

MAZINHA REBECA

Por Marianne Rebeca Aparecida de Almeida Mendes

Meu nome é Marianne Rebeca, tenho 27 anos. Minha mãe achava que não teria mais filhos, foi uma gestação difícil, ela teve pressão alta e eclâmpsia. Todos ficaram na corrente de oração, e graças a Deus e as forças da minha família estou aqui hoje. Firme e forte, com baixa visão, mas escutando muito bem, até demais!

Confesso, sempre que falam de mim, eu ouço. Quando as pessoas fazem gestos querendo falar de mim ou disfarçam nas palavras, percebo tudo. Acham que eu sou boba, mas eu não sou. O preconceito é grande e afeta a gente. Já estudei doze anos de habilidade de rua em São Paulo, ainda preciso aperfeiçoar minha capacitação, mas fiquei traumatizada de andar na rua com a bengala e ser chamada de cega. Resultado: nunca mais usei a bengala! Tenho, sei usar, e não uso, para não escutar a baboseira das pessoas.

As pessoas deveriam ser mais humanas. Eu tenho 20% de visão e para mim é como se eu tivesse nascido normal, eu enxergo tudo. As pessoas precisam ter mais cuidado com as palavras para não ficar machucando o outro. Tudo bem, a pessoa é como é, mas não precisa ficar lembrando. A pessoa sabe quem ela é. E todo mundo

para mim é igual, não existe diferença, trato todo mundo super bem mesmo, de verdade.

Sou assim, da comunicação, gosto de conversar. Gosto de ficar com meus amigos. É onde me sinto melhor. Mas eu não tenho condições de ir ao shopping sozinha, por exemplo, e meus amigos da APAE também precisam de ajuda. Pois a gente que vive nesse mundo assim, a gente não tem condição de se locomover sozinho. E precisamos de um momento só nosso. Sem pais nem professores.



Não desprezando, eu entendo o cuidado que eles têm por mim e pelos meus amigos, mas os responsáveis precisam entender como é bom para a gente ter um momento só nosso fora da escola, sem professor e sem família por perto.

Na minha casa sempre recebo meus amigos, mas ainda tem muitos pais que não levam seus filhos, acho que eles pensam que já fazem demais. Talvez não saibam como é importante para eles também. Fico chateada, poxa, fico triste. Eu tento insistir, não sou de deixar de lado, mas tem algumas mães que não compreendem.

Tive uma professora de sala, na APAE, que também criou um filho especial. O nome dela é Patrícia Zancheta. E muito aprendi com ela. Adoro ela demais. É uma mulher incrível. Essa mulher guerreira, fez a gente chegar num lugar novo. O lugar que a gente está hoje, se sentindo uma pessoa adulta. Sem precisar ninguém ficar em cima dizendo o que a gente tem que fazer, sabe? Pois ela nos preparou, nos ensinou a guardar na mente o roteiro do que a gente precisa fazer, o que podemos ou não devemos fazer, como uma pessoa normal. Eu fico triste quando não confiam em mim, eu sei o que é sim e não, o que é certo e o que é errado, quem arruma minhas coisas sou eu, e o que trago na minha mochila e o que eu não trago, só eu sei. Podem confiar! Minha mãe sempre me orientou desde pequeninha.

Por que eu sou essa pessoa hoje? Inteligente? Graças a meus pais. Eles são as pessoas mais importantes da minha vida, eles

procuraram tudo quanto era tipo de atendimento, para eu ser o que eu sou hoje. Eu poderia estar sem falar, em uma cadeira de rodas, sem me mexer, mas inclusive através da fé do meu pai nunca mais tomei remédio para convulsão. Eu tenho até um canal no YouTube, sabia? Canal Mazinha Rebeca. Lá eu posto meu dia a dia, o que eu faço, meus bichinhos de estimação, passeios e etc. Quer saber mais sobre mim? Sobre o nosso mundo tão especial? É só se inscrever no meu canal!



SOBRE O PROJETO

Este livro e suas versões em áudio e Libras foi realizado por meio de projeto aprovado na LIC - Lei de Incentivo à Cultura de Balneário Camboriú, Santa Catarina, em 2023. O edital foi proposto e coordenado pela Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú.

A APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais desta cidade foi a proponente, e a equipe envolvida na realização contou com profissionais das áreas de Artes e Comunicação, além de alunos e seus familiares.

Os textos escritos para Histórias Especiais - volume III foram transcritos conforme registros dos encontros individuais e oficinas coletivas, sendo posteriormente redigidos com pequenas adaptações, mantendo o respeito ao jeito próprio de falar de cada aluno artista e garantindo a sua identidade e integridade na expressão oral da história narrada, resguardada pela linguística no que se refere a oralidade própria de cada indivíduo.

AUTORES



Roberto Jorge Souza



Benedicta de Lourdes do Carmo



Jaime Steffen



João Batista Gomes da Silva



Denise da Rosa Nogueira



**Marianne Rebeca Aparecida
de Almeida Mendes**

ILUSTRADORES

VAPT VUPT – SÓ FICOU A HISTÓRIA!

LILIAN CRISTINA DA SILVA MOTTA Pág. 07

CLÉLIA MEDEIROS Pág. 08

BENEDITA – A SOFIA

LILIAN CRISTINA DA SILVA MOTTA Pág. 10

PAULO ALEX DA SILVA Pág. 12

EU SOU INCRÍVEL

EVANDRO DOS SANTOS BRIZOLA Pág. 15

CARLOS DIEGO DORNELLES VALENÇA FILHO Pág. 17

A CASA DE JOÃO BATISTA

INDIANARA LUVISA DE CAMPOS Pág. 18

CAMILA WALESKO Pág. 20

DENISE COM OS PÉS NA CAMA

GISELE SAIURI CARDOZO Pág. 22

JOCELAINÉ RODRIGUES FLORES Pág. 24

MAZINHA REBECA

JAMES KELVIN SOUZA AZEVEDO Pág. 27

RAFAEL COSTENARO FRANCK Pág. 29

Presidente da Apae/BC: Margid Rinnert Buckstegge

Direção Geral: Sandra Mara Luchtenberg

Direção Pedagógica: Gleuseli Suzena Kleis Magmanti e Noemi Nazário

Coordenação Pedagógica: Sheila Nunes de Oliveira, Luciana Danuza Rosa, Josiane Steil e Kelly Paula dos Santos

Auxiliar Administrativo: Giovana dos Santos

Coordenação geral, direção artística e oficinas: Luciano Candemil

Produção artística, oficinas, transcrição e narração de histórias: Bell Bandeira

Diagramação, oficina de narrativa e audiodescrição: Lieza Neves

Ilustração da capa e oficinas de artes visuais: Silvia Teske

Assistente na oficina de artes visuais: Sielei dos Santos Souza

Edição de áudio e vídeo: Marcio Bicaco

Intérprete de Libras: Thuanny Galdino

Assessoria pedagógica: Maria Fernanda d'Ávila

Assistência de vídeo e de redes sociais: Felipe Vandresen

Assessoria de imprensa: Thiago Furtado

Fotos: Mariana Castro e Luciano Candemil

HISTÓRIAS ESPECIAIS

Coletânea de Crônicas

Volume III

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a produção deste livro, em especial, aos alunos e alunas da APAE de Balneário Camboriú, bem como toda a equipe administrativa e pedagógica.

Agradecemos também à Fundação Cultural de Balneário Camboriú, por meio da Lei de Incentivo à Cultura do município.

Luciano Candemil
Organizador

Projeto viabilizado por meio do EDITAL LIC/FCBC 010/2022

